

Metafórica da Tradução no Contexto Português Contemporâneo. Alguns Exemplos

Translation Metaphorics in Contemporary Portuguese Context. Some Examples

MARIA ANTÓNIO HÖRSTER*

PALAVRAS-CHAVE: Metafórica da tradução; Quintela, Torga, Freire, Bento, Moura.

KEYWORDS: Translation metaphorics; Quintela, Torga, Freire, Bento, Moura.

«Moving texts» é o tema geral da presente publicação pelo que, ao falar de tradução, nos inscrevemos no núcleo mesmo do encontro. Na realidade, na base do conceito que generalizadamente se impôs para designar a actividade que consiste na transposição de um texto de uma língua para outra, «tradução», encontra-se precisamente a ideia de deslocação e de transporte. A pervivência desta metáfora levou o teorizador Andrew Chesterman, na sua já clássica obra *Memes of Translation* (1997), a considerá-la como o primeiro dos cinco supermemes¹ da tradução, o que quer dizer que, no grande reservatório de memes, se tem persistentemente afirmado a noção de que a tradução tem uma natureza direccional e implica transferência.² Porém, ao comentar esta ideia, o académico de Helsínquia procede a um ajustamento: mantém a imagem do movimento, mas considera – e a meu ver com razão – que há um aspecto que esta representação da tradução não contempla: é que, ao ser traduzido, o texto original não cessa de existir na margem de que supostamente parte, continuando aí a viver e a entrar em dinâmica relação com toda a sua envolvente.³ Por isso

* Professora jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, da mesma Faculdade.

¹ Supermemes são, para Chesterman, ideias, unidades culturais, que manifestam um grau particularmente elevado de generalidade (Chesterman, 1997, p. 6).

² As correntes designações metafóricas de «texto fonte», «texto alvo» ou de «texto de partida» e «texto de chegada» são manifestações óbvias desse meme.

³ Chesterman observa que muitas vezes, até, o texto dito original ganha nova vitalidade como resultado da sua tradução (*ibid.*).

Chesterman propõe, em alternativa, as sugestivas metáforas da propagação, da difusão, da extensão e, mesmo, da evolução (Chesterman, 1997, p.8).

Todos estamos cientes de que traduzir é uma das mais complexas actividades humanas: os sistemas linguísticos em contraste, os contextos histórico-culturais eventualmente muito diferentes, as respectivas normas e valores, as situações comunicativas em jogo, os receptores e as suas expectativas, a diversidade temática e genológica dos textos, os conhecimentos, gostos e preferências pessoais dos tradutores representam um conjunto imenso de variáveis que, entrando sempre em novas combinações, condicionam tanto o processo como o resultado de cada tradução. Sendo tão numerosos os factores em jogo, tão difícil de apreender o que realmente acontece no acto de traduzir, não admira que, desde a Antiguidade, tenha sido frequente o recurso à expressão indirecta e analógica para tentar captar o fenómeno. E se nas cerca de quatro décadas após a Segunda Guerra Mundial a linguagem metafórica foi postergada porque considerada pouco científica, na actualidade assiste-se, segundo Lieven D'hulst e St. André, a um ressurgimento do interesse pela forma como ela conforma a nossa compreensão do mundo.⁴

Longe de pretender apresentar uma lista mais ou menos completa de antigas e novas metáforas sobre a tradução, gostaria ainda assim de recordar algumas das mais conhecidas. Desde a famosa ideia de pagamento em moedas com o mesmo peso global mas não necessariamente no mesmo número e com o mesmo valor individual, que encontramos em Cícero (cf. Robinson, 1997, p. 9), passando pela da submissão e da conquista, de S. Jerónimo, ou a do direito e do avesso de uma tapeçaria, presente no *D. Quixote* de Cervantes,⁵ do equilíbrio funambulesco com os pés atados, que Dryden entendia ser a situação do tradutor apostado em reproduzir conteúdo e letra do original (cf. Robinson, 1997,

⁴ Cf. St. André, 2012, p. 1. Anteriormente, D'hulst (1992) frisara que, com a formalização própria das abordagens linguísticas por alturas da década de 50, o anterior pensamento sobre tradução fora desconsiderado como pré-científico. Na sua exposição debate o poder cognitivo da metáfora e as relações interactivas entre metáforas e modelizações científicas, especialmente no domínio da teoria da tradução.

⁵ No final do capítulo LXII do volume II lê-se um diálogo entre Dom Quixote e um tradutor. Os dois parecem partilhar o conceito da correspondência directa entre palavras dos dois idiomas. Dom Quixote filosofa então sobre o ofício da tradução. Numa metáfora famosa, compara o texto traduzido a uma tapeçaria vista pelo avesso, na qual, embora se distingam as figuras, elas se encontram cheias de fios que as obscurecem, e não se vêem com a lisura e o brilho do lado direito (cf. Robinson, 1997, p. 149). Tal como muitas outras, esta metáfora veicula a ideia da superioridade do texto dito original.

p. 172), das recorrentes imagens da transfusão do líquido de uma vasilha para outra ou a da mudança de vestes, que por exemplo D'Ablancourt retoma lembrando o embaixador que deve adaptar-se ao novo país sob risco de se tornar ridículo (cf. Robinson, 1997, pp. 158-159), da pintura original e da sua cópia, do seguir nas pegadas de um outro, da estafada ideia da ponte, da metáfora camiliana do leitor que pede *filettes* de javali mas a quem o criado serve cabeça de porco com grelos⁶ (Cabral, 1981, p. 110), às metáforas marcadas por estereótipos de género, como a famosa etiqueta seiscentista das *belles infidèles*,⁷ às imagens sexualizadas mais recentes de George Steiner e de algumas feministas ou, ainda, a uma mais recente representação do tradutor como alguém que põe *ketch up* num prato de veado *a la marsalla* (cf. St. André 2010, p. 3), é muito grande a variedade metafórica. Interessante é que estas metáforas comportam uma dimensão teórica, veiculando, por exemplo como a última faz de forma óbvia, relações de hierarquia ou tensões entre original e texto traduzido, entre autor do texto dito original e tradutor, percepções sobre a situação e o papel do tradutor, sobre o ideal de tradução, etc. Curioso é que, como faz notar St. André, por vezes basta a alteração de um pequeno traço para o quadro teórico se alterar. Se em vez de *ketch up*, na última metáfora referida, se usasse queijo parmesão ou trufas, já a intervenção do tradutor apareceria a uma luz bem diferente...

Estas metáforas, grande parte delas de carácter intuitivo, quase sempre plásticas e apelativas, com maior fortuna umas do que outras, são interessantes pela dimensão pedagógica que podem assumir, pelo conteúdo teórico e pragmático que denunciam e, ainda, pelo valor heurístico que lhes assiste na construção de modelos conceptuais.

Reportando-nos agora ao contexto do nosso país, podemos colocar as seguintes questões: Tradutores e escritores portugueses têm-se referido à tradução? Em que termos o têm feito? Será neles frequente o recurso à metáfora?

⁶ «Faça o leitor de conta que entrou num restaurante e pediu filettes de javali; mas o criado serviu-o de cabeça de porco com grelos. O leitor, que tinha fome, comeu, certíssimo de que não comia javali; mas gostou e não deixou nada no prato. É o que lhe sucede, leitor, quando pede o *Fausto* de Goethe e lhe servem o *Fausto* de Castilho.» (apud Cabral, 1981, p. 110).

⁷ Cerca de 1654 Gilles Ménage terá dito de certa tradução de Perrot d'Ablancourt que lhe fazia lembrar uma mulher que ele próprio havia amado «et qui était belle mais infidèle» (cf. Robinson, 1997, p. 156). Esta imagem passou a designar uma moda de tradução no século XVII, em França. Pela sua sugestividade, tem tido ampla circulação. Tradutoras e teorizadoras feministas da tradução têm explorado a dimensão sexista nela contida.

Em caso afirmativo, o que nos diz a metafórica usada? Ora, não está feito o levantamento dos campos metafóricos entre nós activados – seria um belo tema para uma tese – e com o presente trabalho pouco mais pretendo do que chamar a atenção para esse domínio, enunciando e comentando alguns casos particulares contemporâneos com que mais de perto tenho contactado.⁸

Paulo Quintela

E começo por Paulo Quintela (1905-1987), nas palavras do poeta e também tradutor José Bento (1932-2019), «o tradutor a quem a poesia portuguesa deste século [o século XX] mais deve» (Bento, 1963, p. 87).⁹ Quintela traduziu por paixão – Goethe, Hölderlin, Rilke, Nietzsche, Nelly Sachs, Georg Trakl, Bertolt Brecht, entre centenas de outros autores – e ao longo da vida foi-nos deixando, nas notas e prefácios às suas traduções, bem como noutros contextos,¹⁰ testemunhos sobre a maneira como entendia a sua actividade. Fá-lo frequentemente por recurso à metáfora, ressaltando, na maior parte das vezes, uma imagética religiosa. O facto é tanto mais curioso quanto Quintela se apresentava como agnóstico. Quase diríamos que este germanista assumia uma verdadeira divinização da arte, comum a um grande número de artistas dos inícios do século, após a morte de Deus anunciada por Nietzsche. A sua imagética vem-lhe, em grande parte, de Lutero, nomeadamente do seu «Rundbrief vom Dolmetschen» (Luther, ²1969, pp. 14-32).

A veneração pela palavra poética¹¹ transparece já da própria selecção dos autores que traduziu, quase exclusivamente poetas, tendo sempre procurado o convívio com figuras de primeira grandeza do universo literário. Herdeiro do pensamento de Wilhelm Dilthey, interessa-lhe o frémio vivencial que os textos

⁸ Alguns dos materiais apresentados podem encontrar-se em trabalhos meus anteriores (vd. Bibliografia), mas são aqui abordados sob uma perspectiva diferente, nomeadamente, a do potencial metafórico que encerram.

⁹ Da relação que José Bento considerava existir entre poetas e tradutores e das qualidades necessárias a estes últimos para que exerçam devidamente o seu mister, dão conta as palavras de abertura deste texto: «Raríssimos poetas estrangeiros têm encontrado em Portugal os leitores com o amor e a cultura, a humildade e o gosto pela aventura que os transformem em seus tradutores.» (Bento, 1963, p. 87).

¹⁰ Sobretudo a conferência «Traduzir», proferida em Coimbra, em 27 de Fevereiro de 1959 (Quintela, 1999, pp. 641-651).

¹¹ Sobre a relação de Quintela com a poesia, vd. por ex. Ramalho, 2008.

manifestam e, nessa linha, nos testemunhos que nos deixa, o que traz a primeiro plano é o seu envolvimento pessoal com o autor e com o seu verbo. Veja-se agora um trecho em que fala de Lutero como tradutor e da sua própria prática enquanto tal:

[...] todo o tradutor deve proceder com humildade, piedade e respeito em face do verbo poético que se lhe revela e se lhe impõe. Christlich – cristãmente. Quer dizer: identificação, tão completa quanto possível, com o objecto – passada agora a coisa do caso concreto da tradução do texto sagrado de Lutero –, para a generalidade do texto poético. Adesão, quanto possível integral, à situação e ao verbo do poeta que nos solicita. Porque – e aí está outra coisa essencial, pelo menos em minha pessoalíssima experiência – não se traduz o que se quer, traduz-se o que se nos impõe, o que quer ser traduzido, o que apela para a nossa força íntima de identificação, de consubstanciação. Traduzir será pois, em primeiro lugar, aderir, reviver, recriar uma situação poética.

(Quintela, 1999, p. 649)

O ritmo entrecortado deste passo, de cuja tríade final – «aderir, reviver, recriar» – transparece a assimilação de Wilhelm Dilthey, sinaliza bem a emoção, e a imagética dominante fala por si: o encontro do tradutor com o texto poético adquire a dimensão religiosa de uma revelação, o leitor/tradutor abre-se ao sopro primevo de criação que ele transporta, identifica-se com ele e, uma vez possuído da sua força, tal como os antigos profetas – aqueles que emprestavam a sua boca à palavra divina –, obedece com piedade e humildade, tornando-se ele mesmo oficiante, na medida em que se dispõe agora a dirigir toda a sua força íntima para um novo acto criativo, uma «consubstanciação» – e é com esta metáfora religiosa que Paulo Quintela designa o texto traduzido.¹²

Vão em sentido semelhante as palavras que inscreve no prefácio à 1.^a edição dos *Poemas* de Hölderlin:

Traduzir um poeta é sempre uma aventura (...). E a sua grandeza e autenticidade [do poeta e da poesia] avalio-as por esse secreto sentido de elevação e força com que de mim se apoderam. Esse «apoderar-se» é sempre uma violência – uma aventura, pois, um arrebatamento para terra incógnita. Quer isto dizer que os grandes poetas, se o são, chamam sempre o leitor – se ele é também leitor verdadeira

¹² Para além das recorrentes metáforas religiosas, também comparecem nos seus textos imagens de outras esferas.

e ingenuamente – à sua intimidade e de certa maneira o identificam a si mesmos. Este sortilégio, este encantamento, quando se trata de um poeta em língua estranha, é *dobrado* – (aqui fala, evidentemente, só a minha pessoalíssima experiência) – de um sentimento de necessidade de apropriação, de consubstanciação, por parte do leitor (Hölderlin / Quintela, *Poemas*, 1945, p. XXXI).

Isto é, a elevação, a dimensão sacral da grande poesia arrasta-o, enquanto leitor, a uma identificação, e o encantamento que se verifica no encontro com a palavra poética gera nele, no caso de se tratar de um poeta em língua estranha, um desejo de apropriação que vem a traduzir-se numa consubstanciação. Aventura, identificação, apropriação, consubstanciação. O que nos dizem estas metáforas? Elas encerram um conjunto de posições teóricas em relação ao texto original, que é experimentado como encantatório e objecto de desejo, mas também à língua, ao tradutor e ao texto traduzido. A metáfora do desejo de apropriação implica a valorização do texto original e a ideia de que, por maior que seja a adesão a um texto em língua estrangeira, é na língua própria que ele se torna nosso. Na da aventura, estão contidas as ideias do prazer lúdico e da entrega do tradutor, mas também do desafio, da descoberta, do risco e da incerteza quanto ao desfecho do empreendimento. Na metáfora da consubstanciação encontramos por um lado a confirmação do alto valor, mesmo da dimensão divina, do original – já que «consubstanciação» pode significar a presença de Cristo na Eucaristia –, mas também a do alto valor do texto traduzido, idêntico em substância ao original mas outro, pois que consubstanciação significa também a união de dois ou mais corpos na mesma substância.

Deste excerto, portanto, como do anterior, ressaltam a valorização da linguagem poética e da nossa língua mãe, a qual nos permite ficar mais ricos na medida em que nos apropriamos de, isto é, tornamos nossos originais escritos noutras línguas;¹³ um grande respeito pelo tradutor, ser humilde mas corajoso,

¹³ Ao contrário dos receios de uma perda de identidade pelo contacto com o estrangeiro, encontramos a ideia de que a língua de acolhimento se enriquece através da tradução, no famoso ensaio *Über die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* (1811), de Friedrich Schleiermacher, que acalentava o ideal de um repositório das grandes obras da humanidade vertidas em língua alemã: «Wie vielleicht erst durch vielfältiges Hineinverpflanzen fremder Gewächse unser Boden selbst reicher und fruchtbarer geworden ist, und unser Klima anmuthiger und milder: so fühlen wir auch, daß unsere Sprache, weil wir sie der nordischen Trägheit wegen weniger selbst bewegen, nur durch die vielseitigste Berührung mit dem fremden recht frisch gedeihen und ihre eigne Kraft vollkommen entwickeln kann.» [Tal como, possivelmente, só por via de uma variada cultura de plantas estrangeiras

que se entrega ao original, abdica de si, assume um risco; finalmente, uma concepção altamente positiva do texto traduzido, que em substância se funde com o original. Como decorre da metáfora da consubstanciação, este texto é em parte outro, em parte o mesmo que o original, o que aponta para o carácter dual do texto traduzido.

Numa autoapreciação que se tornou proverbial, Quintela, neto ele mesmo de um almocreve, falava frequentemente de si como de um «almocreve da cultura», metáfora com que, partindo de dados biográficos, adopta e adapta a imagem do transportista.¹⁴ Nesta metáfora vêm a primeiro plano, não, como nas anteriores, a relação de tradutor com autor e texto originais, ou uma especulação sobre a natureza dual do texto traduzido, mas a noção de transporte de conteúdos culturais e uma valorização do trabalho do tradutor: enquanto almocreve ele é um ser humilde, um trabalhador esforçado, destacando-se a ideia do serviço em benefício de outros.

Comuns a todos os testemunhos são uma visão altamente positiva do texto original, mas também do tradutor e dos textos traduzidos, os quais participam da substância dos originais, por meio da tradução se recriando bens e objectos de desejo, que também queremos para nós e que nos enriquecem.

Miguel Torga

Vai um pouco na senda de Paulo Quintela, com quem conviveu diariamente ao longo de muitos anos, a metafórica usada por Miguel Torga (1907-1995) no conjunto dos dezasseis volumes do seu *Diário* (1941-1993).¹⁵ Nos primeiros

importadas os nossos solos puderam tornar-se mais ricos e mais frutíferos e o nosso clima mais ameno e aprazível: também sentimos que a nossa língua, uma vez que devido à inércia nórdica pouco a transformamos por nossa iniciativa, só por meio dos mais variados contactos com o que nos é estranho pode de facto frutificar com frescura e desenvolver perfeitamente a força que lhe é própria.] (Schleiermacher / Justo, 2003, pp. 148-149).

¹⁴ «Pois que tenho sido eu, senão almocreve? Levo e trago – não os botos de azeite ou as canastras de sardinha, por montes e vales, à chuva e à neve e à torreira do sol, mas a veniaga cultural de franças e araganças.» (*apud* Aguiar, 2005, p. 3). Em Julho 1973, no contexto de uma homenagem que lhe prestaram os antigos membros do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra a comemorar o facto de nesse mesmo ano ter sido galardoado com a medalha de ouro do Instituto Goethe, proferiu as seguintes palavras: «Não passo de um pobre homem de Bragança, filho de um pedreiro e de uma padeira, neto (pelo lado a mãe) de um almocreve.» (*apud* Aguiar, 2005, p. 10).

¹⁵ Na presente análise só se tem em conta o seu *Diário*.

testemunhos percebe-se-lhe alguma reserva quanto a traduções. Porém, num momento avançado já da sua vida, inclinado porventura a maior tolerância e armado do realismo, da liberdade e da serenidade que a idade confere, é outro o tom, admirativo e, mesmo, eufórico, com que reflecte sobre esta actividade, numa entrada assinalada «Coimbra, 15 de Janeiro de 1988»:

Traduzir. Trasladar a expressão. Florir o génio de uma língua no génio doutra. Fazer o milagre de dar ubiquidade a um texto, que, com força nativa, tenha voz alheia.

(Torga, 1999, p. 1613)

Para além da imagem do transporte, contida em «traduzir» e «trasladar», encontramos visões muito positivas do texto traduzido. Pela via da metáfora da florescência – «Florir o génio de uma língua no génio doutra» – a tradução insere-se nos campos da vida e da beleza, adquirindo o mesmo carácter de epifania que o escritor sempre atribuiu à criação poética. Curioso é que para Torga, homem da terra, a energia expansiva que a tradução imprime a um texto seja visionada mais em termos de espaço, «ubiquidade», do que nos habituais termos de persistência no tempo. Repare-se que, com esta percepção, Torga antecipa a inicialmente referida imagem da propagação, que Chestermann propõe. Com a referência ao milagre entra-se, tal como se viu em Quintela, no domínio da transcendência. Milagre é o fenómeno da ubiquidade, mas também a possibilidade de, na voz dúplice do texto traduzido, o original adquirir uma nova dimensão, sem contudo perder a sua individualidade. A atenção de Torga incide sobretudo sobre o texto de partida, que se propaga, entidade viva que ganha voz alheia pela força da tradução. Porém, dos agentes da tradução, Torga, que ao contrário de Quintela não era tradutor, nada em concreto diz aqui. A acção de traduzir é sempre referida por formas verbais no Infinitivo Impessoal.¹⁶ É como se tudo se processasse a um nível puro e ideal das línguas!

Bastante mais tarde, por ocasião da homenagem que em Coimbra lhe foi prestada pelo Goethe-Institut em 23 de Novembro de 1990, entoou um hino de louvor a todos os tradutores na pessoa de Curt Meyer-Clason, seu tradutor para Alemão:

¹⁶ O recurso a formulações infinitivas e elípticas coloca a reflexão em termos abstractos e gerais, mas, ao mesmo tempo, é veículo de emotividade.

E aqui estamos todos reunidos para aplaudir, antes de mais, o herói desse feito, Curt Meyer-Clason, a quem o português já devia a façanha da versão de *Grande Sertão Veredas*, a obra prima de João Guimarães Rosa. Homem de um só idioma, o que me ensinaram minha Mãe e o Senhor Botelho, meu saudoso professor primário, [...] é sempre num confuso sentimento de espanto e respeito que me vejo diante dos bem-aventurados que o Espírito Santo bafejou, e são capazes de dar ubiquidade à expressão. Traduzir é, primordialmente, um acto de amor. Só quem for tocado na mente e no coração pela singularidade radical de uma voz sente a necessidade e o gosto de alargar aos ouvidos do mundo. E o pobre poeta de qualquer S. Martinho de Anta, que sonha com o seu canto a ecoar para além das fronteiras que o limitam, é nessas almas sintonizadas e mediúnicas que confia. São elas as difusoras mágicas das suas palavras, que procuram entender em todos os recônditos sentidos e preservar vivas e equivalentes na transplantação verbal. Nunca será por demais exaltado o serviço que prestam à humanidade esses obreiros de uma outra comunicação dos santos, terrena, encarnada, naturalmente oposta à sobrenatural do Credo. Se nos faltassem, ficariam sem respostas inimagináveis interrogações, apelos e desafios. As esfinges que interpelam sibilinamente os viandantes à entrada de todas as Tebas da existência, são monstros de carne e osso e papel e tinta. E os seus enigmas, avisos ambíguos e catárticos [sic] que, depois de fielmente decifrados e trasladados, abrem caminho à ânsia libertadora de Gregos e Troianos.

Retoma-se e alarga-se a metafórica religiosa e mágica e bem assim os motivos do transporte, da difusão e da ubiquidade do texto, de o «alargar aos ouvidos do mundo», pela força da tradução. O foco incide agora sobre os tradutores, apresentados como heróis, agentes de façanhas, e como santos, «bem-aventurados que o Espírito Santo bafejou», «obreiros de uma outra comunicação dos santos», «almas sintonizadas e mediúnicas», como decifradores de enigmas, como agentes de liberdade, e, mais à frente, como «medianeiros».

Para concretizar a ideia de partilha com os seus novos leitores estrangeiros, Torga recorre à metáfora religiosa da comunicação dos santos, uma união dos espíritos que, decorrendo em espaço de leigos, parece tanto mais inesperada e difícil. Paulo Quintela vale-se da metafórica religiosa para expressar tanto a relação entre tradutor e texto traduzido como o próprio acto da tradução, enquanto Torga a desloca para a relação do autor com o novo público a que a tradução lhe permite aceder.

Natércia Freire

São também o íntimo contacto entre tradutor e autor bem como a experiência mágica que é dado viver ao tradutor os aspectos destacados pela metáfora das «núpcias» e do «sortilégio», presente em «Uma breve nota» que a poeta Natércia Freire (1920-2004) publicou no suplemento do *Diário de Notícias* em 1967:

A 13 de Novembro de 1955, na secção que mantive por algum tempo, *Largos Dias Têm os Anos*, tendo em frente dos olhos o ar degradado de certa criatura ao lamentar-se de ter de trabalhar em traduções, escrevi: «Não sei por que razão consideram alguns escritores humilhante o trabalho de tradução de um livro. Nunca a sua leitura, por mais atenta, dará ao leitor aquela intimidade com a alma do autor, aquelas núpcias de espírito carregadas de verdadeiro sortilégio que ao tradutor é dado experimentar.» (18)

Tal como em Quintela, também aqui a tónica recai sobre a proximidade que se estabelece entre tradutor e autor, um encontro íntimo veiculado pela metáfora amorosa das «núpcias de espírito». Demarcando-se de quem a considera humilhante, Natércia Freire exalta a tradução como uma forma superior de leitura e fonte de um prazer muito especial, veiculando com a metáfora do «sortilégio» a magia desse encontro entre dois seres humanos.¹⁷

José Bento

De José Bento (1932-2019)¹⁸ vou apresentar apenas o poema «Eu tradutor, traidor», constante do seu volume lírico *Silabário*, de 1992:

¹⁷ Talvez Natércia Freire esteja a referir-se a algum dos muitos escritores portugueses que, no período da ditadura salazarista, sendo-lhes vedado o acesso a carreiras públicas, tiveram que recorrer à tradução como meio de sustento.

¹⁸ José Bento colaborou em revistas de poesia de meados do século passado, como *Árvore*, *Sísifo*, *Eros*, *Cadernos do Meio-Dia*, tendo sido um dos fundadores da *Cassiopeia*. Entre 1963 e 1969, fez parte da redacção da revista *O Tempo e o Modo*. Exerceu a crítica literária em numerosos jornais e revistas, designadamente na *Colóquio-Letras* e na *Brotéria*. Alcançou especial distinção como tradutor de literaturas em língua espanhola e divulgador entre nós das letras de Espanha e da América Latina. Traduziu uma extensa lista de autores e autoras, como sejam San Juan de la Cruz e Fray Luis de León, Jorge Manrique e Bécquer,

EU TRADUTOR, TRAIADOR

A Pilar Gómez Bedate e Ángel Crespo

Não me dói o que de mim perdi.
Busco, não o encontro, mas recolho
sua exalação, não mais
que a memória alumiando
quanto já não regressa:
fogo hibernal que se mantém do frio.

Relanceio o que toquei não sendo meu:
palavras,
cicatrizes indefesas
numa boca, num lugar, numa data.
Amei-as sem lucidez.
Profanação?
A quem prestarei contas?
Muitos
reivindicam o que é seu, e transmutei
sem consciência, com avidez tão cega
que não soube transmitir sua inteireza,
ufano ao supor reter seu fundo aroma.

Dissipei tanto fulgor alheio
ao querer dá-lo qual se me pertencesse,
sem o remorso e a vergonha
de o oferecer como se não o tivesse magoado.

(Bento, 1992, p. 98)

tendo publicado antologias de Garcilaso de la Vega, Santa Teresa de Jesús, Quevedo, M. Machado, A. Machado, J. R. Jiménez, Vicente Aleixandre, Lorca, Cernuda, Miguel Hernández, A. Crespo, Gil de Biedma, Francisco Brines, J. A. Ramos Sucre, Vallejo, Neruda; uma *Antologia da Poesia Espanhola do «Siglo de Oro»* em dois tomos, Renascimento e Barroco; uma *Antologia da Poesia Espanhola Contemporânea* (desde Unamuno aos novíssimos); uma *Antologia da Poesia Espanhola das Origens ao Século XIX*. Traduziu igualmente ficção em prosa: *La Celestina*, de Fernando de Rojas, obras de Unamuno, Juan Ramón Jiménez, Ortega y Gasset, Jorge Luis Borges, María Zambrano, J. M. Arguedas, Octavio Paz, Ignacio Martínez de Pisón e, no âmbito do teatro, Calderón de la Barca, Valle-Inclán, Federico García Lorca. Em 2005 deu a lume uma versão portuguesa do *D. Quixote*, de Cervantes.

Neste poema, que se apresenta como espécie de exame de consciência num período avançado da vida, o eu lírico admite com alguma serenidade as perdas pessoais que o tempo necessariamente acarreta. Em contrapartida, porém, neste testemunho pessoal aparecem-lhe como especialmente gravosas, aquilo que entende como faltas cometidas contra algo que não lhe pertencia, os textos de autores alheios. Com a imagem das «cicatrices» impostas «numa boca, num lugar, numa data», José Bento aponta, ao que presumo, para o que há de idiossincrásico, de pessoal, mas também para o que há de específico de um lugar e de uma época no texto dito original – aspectos que, enquanto tradutor, ele nem sempre teria sido capaz de recriar.

A isotopia de fundo é, precisamente, a do tradutor como pecador e da tradução como traição e pecado. O título da composição parte daquele que será o mais conhecido e incontornável adágio quando se fala de tradução, *traduttore, traditore*, combinando-o com a fórmula inicial da confissão: «Eu, pecador, me confesso». Numa linguagem de sabor religioso, desfilam perante nós várias metáforas negativas tanto do tradutor como da tradução. O tradutor é apresentado como alguém que se apropria de bens alheios, mas, ao contrário de Quintela, indevidamente, e que sem remorsos os apresenta como seus, vincando-se bem com isto a corrente ideia da supremacia do autor dito original, esse sim, o detentor legítimo do texto. Na metáfora da «avidez» parece conter-se a ideia da sedução do original, mas, se atendermos às conotações negativas do termo, sublinha-se sobretudo a dimensão reprovável, porque excessiva, do desejo de apropriação de algo apetecível. Pecado é, igualmente, a vaidade de quem presume ter sabido salvar os dons, o «perfume», do original. Quem traduz porventura profana, metáfora que transporta a ideia do carácter sagrado e inviolável do original, dissipa, magoa, obscurece, grava cicatrizes – imagens de amoralidade, de esbanjamento, de inconsciência, de insciência, que confluem na tradicional visão do tradutor como traidor e da tradução como perda. Com grande, com excessiva e injustificada humildade, José Bento declara a sua incapacidade, confessa todas as suas faltas, apaga-se como tradutor.¹⁹ Estas imagens negativas contrastam paradoxalmente com a riqueza, a excelência e, sobretudo, a persistência ao longo de décadas do trabalho de José Bento como magnífico tradutor que é.

¹⁹ Sugestivo da modéstia de José Bento é o título de um ensaio que José Tolentino Mendonça lhe dedicou: «Uma poética do apagamento» (Mendonça, 2003, pp. 5-8).

Vasco Graça Moura

De Vasco Graça Moura (1942-2014), um dos mais insignes tradutores portugueses das últimas décadas, apresento um soneto que o poeta português dedica ao lusitanista e tradutor brasileiro Joaquim Francisco Coelho, por terem ambos traduzido o famoso soneto «Der Panther» [A pantera],²⁰ de Rainer Maria Rilke:

1.
fomos os dois à caça da pantera
que estava já da jaula sob o tecto;
na mesma língua e em cada idiolecto,
apanhá-la inteirinha, quem nos dera!

mas clonado, que fosse não se espera
dorso verbal em músculo inquieto,
e ao lê-lo, eu me felino e me arquitecto,
pois me pantero, e mais, se reverbera

noutro registo a língua subtil que,
de cada vez que a dupla se faz frente,
é jogo especular no abismo, acaso

devíamos levar a rainer rilke
esta parelha opaca e transparente
à trela, quando formos ao parnaso.

(Moura, 2005, p. 145)

O soneto é rico em sugestões metafóricas, a começar pela contida no título, aretnap, grafismo que afinal constitui a forma especular de «pantera».

²⁰ O soneto começou por ser publicado no blogue ABRUPTO, de José Pacheco Pereira, em 2003, conforme anota Graça Moura no seu volume *Laocoonte, rimas várias, andamentos graves*, de 2005 (Moura, 2005, p. 187). Este é apenas um de um conjunto de poemas, reunidos sob o título geral de “aretnap a pantera, um divertimento em ressonâncias” (para Joaquim Francisco Coelho, por termos ambos traduzido ‘Der Panther’, de RAINER MARIA RILKE” (Moura, 2005, pp. 143-162). Os outros sonetos são igualmente ricos de metáforas, por exemplo a do «verbal destino/ que mesmo no que afina, desafina: panteras podem ser da cor da neve.» (Moura, 2005, p. 146).

Com este artifício, Graça Moura recupera de forma sugestiva a comum imagem da tradução como espelho.²¹ A implicação é a de imagem invertida, de réplica ilusoriamente semelhante: a imagem captada no espelho não partilha a essencialidade daquilo que reflecte, ainda que permita o seu reconhecimento. Se explorássemos a sugestão do título até ao fundo, talvez a tradução nem aparecesse a uma luz muito positiva, pois que, se o conjunto de letras «Panther»²² faz sentido, já «aretnap» se apresenta como um absurdo, ou seja, traduzir significaria produzir absurdos.

Suscitada pelo tema do soneto traduzido, a metafórica que informa toda a primeira quadra é a da caça, embora a dimensão paradoxal desta caçada não escape ao poeta tradutor, uma vez que o animal a capturar já se encontra enjaulado logo à partida no texto de Rilke. A segunda quadra, por sua vez, abre com uma imagem tomada das conquistas recentes da engenharia genética, a clonagem. Devo confessar alguma dificuldade na interpretação deste passo, mas creio que Graça Moura, tradutor experimentado e teoricamente informado, manifesta com ele a consciência de que nunca a tradução é um clone do original, sendo sempre algo de diferente, com uma individualidade própria. Aliás, o pensamento, que não é propriamente original, até pode ter sido impulsionado pela evidência de duas traduções distintas, a sua e a de Francisco Coelho.

No que respeita à concepção do tradutor, estamos longe das imagens de piedosa adesão e humilde obediência ao original, ou da do tradutor como

²¹ Não é a única vez que a metáfora do espelho é por Graça Moura aduzida por referência à tradução, como se vê pela resposta que dá em entrevista ao *JL*: «[A tradução] É uma obra de autor, embora em segunda mão. Há sempre qualquer coisa que na realidade não é traduzível. Um texto traduzido não terá todas as nuances do texto original, mas este está suficientemente espelhado para que possa ser reconhecido.» (Moura / Vasconcelos & Nunes, 2011, p. 14). Portanto, ainda que distinto, na sua individualidade, do texto original, o texto traduzido (imagem reflectida), que é visto por Graça Moura como «obra de autor», conserva do primeiro traços suficientes que permitem o seu reconhecimento.

²² Incluído no volume de *Neue Gedichte* (1907), o poema «Der Panther» tem como modelo uma pantera enjaulada que Rainer Maria Rilke observou no *Jardin des Plantes*, em Paris, de que era frequentador. Profundamente impressionado com o trabalho de Rodin, de quem à altura era secretário, Rilke inaugura com esta composição uma poética de *Bildgedichte* [poemas-coisa], que persegue um ideal de objectividade, assim ultrapassando tendências neo-românticas. Escrito provavelmente em 5/6 de Novembro de 1902 (cf. Engel, 2004, p. 297), o poema é mundialmente conhecido e tem sido vertido para numerosas línguas. A tradução de Graça Moura encontra-se publicada no volume *Carrossel e Outros Poemas*, de 2004. Também Paulo Quintela apresenta uma versão de «Der Panther» na sua colectânea de *Poemas*, de Rainer Maria Rilke (1942).

prestador de serviços, que encontramos em Quintela, ou a da culpa, que vimos em José Bento. Da metafórica da caça decorrem as ideias fundamentais da captura, do desejo de submissão e de posse, de jogo e de afirmação pessoal, que apresentam algumas afinidades com a imagem hieronimita da tradução como conquista. Porém, aqui ressalta a ideia do exercício de uma actividade em plena liberdade e por puro prazer. Graça Moura forja três expressivos neologismos, «eu me felino e me arquitecto, pois me pantero». Felinar-se, arquitectar-se, panterar-se – estas metáforas apontam em duas direcções: a da identificação com o original, pela tentativa de assimilação ao bicho convocado no texto a traduzir, e a do esforço, mesmo físico, da tradução. A identificação com o original não é resultado de uma adesão piedosa, mas é luta com o texto, um corpo a corpo de ferocidade animal. Deste combate sai vitorioso o tradutor e, recuperando o clima arcadiano do companheirismo de poetas, o tradutor português propõe ao seu congénere brasileiro que se elevem ambos ao Parnaso para apresentarem a Rilke os respectivos troféus presos à trela.

Conclusões

Os testemunhos comentados, que se estendem por um período de cerca de sete décadas, dizem respeito à tradução literária. À excepção de Miguel Torga, todos os escritores que nos deixaram estes testemunhos sobre a maneira ou maneiras como vêem a actividade, têm eles mesmos experiência de tradução e, muito particularmente, de tradução de poesia. De modo não surpreendente, é exclusivamente em termos metafóricos, e não conceptuais, que se debruçam sobre o fenómeno.

Os vectores em destaque contemplam as relações do tradutor com o autor do texto dito original, enquanto encontro humano (Quintela; Natércia Freire); ou do tradutor com esse texto, visto como figura de sedução com poderes encantatórios (Quintela), alvo de um desejo de apropriação (Quintela; Bento), carga transportada (Quintela), entidade magicamente transformada em ubíqua (Torga), vítima indefesa (José Bento), presa a conquistar (Graça Moura); mas também as do tradutor com o novo público, seja na figura do almocreve que transporta produtos culturais (Quintela) ou na de obreiro da comunicação dos santos (Torga); e, ainda, as do autor original com um novo público com o qual agora também comunica (Torga);

O tradutor é aquele que sucumbe à magia do original, que se identifica com ele, que se faz seu arauto, que o traslada (Quintela), que, numa comunhão

amorosa de espíritos, se une ao seu autor (Freire), mas também o que toma posse do texto (Quintela), que instaura a comunicação (Quintela e Torga), que o profana, o magoa, que indevidamente o apresenta como seu (Bento), que o recria, o persegue e o ostenta como troféu (Moura);

A tradução apresenta-se como algo de muito positivo: comunhão com outro ser humano; factor de enriquecimento; propulsora do original, instauradora da comunhão dos santos e só num caso (José Bento) ela representa sobretudo um somatório de atentados, só compreensíveis como resultado de uma paixão;

Pelos seus efeitos (texto traduzido enquanto consubstanciação, ubiquidade do original, fusão da voz própria com a voz alheia, comunhão entre autor e leitor) a tradução inscreve-se no domínio do transcendente.

Particularmente interessantes quanto ao seu potencial teórico parecem-me ser as metáforas a) da consubstanciação (Quintela), que aponta quer para a presença em substância do texto original no texto traduzido quer para a dimensão dual deste último; b) da ubiquidade (Torga), que perspicazmente sublinha o alargamento do texto dito original a novos territórios, sem que, com isso, deixe de existir no ponto em que se gerou e c) da não clonagem (Vasco Graça Moura), a qual, para vincar a semelhança mas não identidade entre texto base e texto traduzido, recorre ao campo da moderna engenharia genética.

Referências bibliográficas

- AGUIAR, C. de (2005). *Com Paulo Quintela à mesa da tertúlia. No centenário do seu nascimento*. 2.^a edição. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- BENTO, J. (1963). A Tradução das «Elegias de Duino» de Rainer Maria Rilke. *O Tempo e o Modo*, 5, Maio, 87-93.
- (1992). *Silabário*. Lisboa: Relógio d'Água.
- CABRAL, A. (org.) (1981). *Polémicas de Camilo Castelo Branco*, vol. V. Lisboa: Livros Horizonte.
- CHESTERMAN, A. (1997). *Memes of Translation. The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Pub. Company.
- D'HULST, L. (1992). Sur le rôle des métaphores en traductologie contemporaine. *Target* 4 (1), 33-51.
- ENGEL, M. (Hrsg.) (2004). *Rilke-Handbuch. Leben – Werk – Wirkung*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

- FREIRE, N. (1967). Uma breve nota. *Diário de Notícias, Artes e Letras*, 627, 9 de Março, 17-18.
- GOETHE, J. W. / QUINTELA, P. (1958; 1.^a ed. 1949). *Poemas. Antologia, versão portuguesa, notas e comentários de Paulo Quintela*, 2.^a edição, corrigida e ampliada. Coimbra: Por ordem da Universidade.
- HÖLDERLIN, F. / QUINTELA, P. (1945). *Poemas. Prefácio, selecção, tradução, notas e comentários de Paulo Quintela*. Lisboa: Instituto de Cultura Alemã de Lisboa.
- HÖRSTER, M. A. (2008). O tradutor Paulo Quintela. In M.T. MINGOCHO / / M. A. HÖRSTER (coord.), *Homenagem a Paulo Quintela. No Centenário do seu Nascimento* (pp. 45-56). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- (2011). Tradutores e tradução na literatura portuguesa dos séculos XX e XXI. In *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Manuela Gouveia Delille* (pp. 643-658), Volume I/ Band I. Coordenado por M. T. MINGOCHO / / M. de F. GIL / M. E. CASTENDO. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Centro de Investigação em Estudos Germanísticos, Edição de MinervaCoimbra.
- (2016). Tradutores e tradução na lírica portuguesa dos séculos XX e XXI. José Bento, Vasco Graça Moura e Armando Silva Carvalho. *Cadernos de Literatura Comparada*, 34, 523-538.
- LUTHER, M. (1969). Rundbrief vom Dolmetschen. In H. J. STÖRIG (Hrsg.), *Das Problem des Übersetzens* (pp. 14-32). Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- MENDONÇA, J. T. (2003). Uma poética do apagamento. In J. BENTO, *Alguns Motetos* (pp. 5-8). Selecção e prólogo de J. T. M. Lisboa: Assírio & Alvim.
- MOURA, V. G. (2005). *Laocoonte, rimas várias, andamentos graves*. Lisboa: Quetzal Editores.
- MOURA, V. G. / VASCONCELOS, J. C. de / NUNES, M. L. (2011) [entrevista] Vasco Graça Moura. Meio século de 'escritas'. *JL*, 27 de Junho a 10 de Julho, 10-14.
- QUINTELA, P. (1999). Traduzir. In P. Q., *Obras Completas* (pp. 641-651). Org. de L. SCHEIDL, A. S. RIBEIRO, C. GUIMARÃES e M. H. SIMÕES, vol. IV. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RAMALHO, M. I. (2008). Paulo Quintela, o amante da poesia. In M. T. MINGOCHO / M. A. HÖRSTER (coord.). *Homenagem a Paulo Quintela. No Centenário do seu Nascimento* (pp. 25-43). Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- RILKE, R. M. / MOURA, V. G. (2004). *Carrossel e Outros Poemas*. Organização e tradução de V. G. Moura com dez desenhos de J. Resende. Porto: Edições Asa.

- ROBINSON, D. (1997). *Western Translation Theory*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- SCHLEIERMACHER, F. / JUSTO, J. M. M. (2003). *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir [Über die verschiedenen Methoden des Uebersetzens]*. Apresentação, Tradução, Notas e Posfácio de J.M.M.J. Porto: Porto Editora.
- St. ANDRÉ, J. (ed.) (2010). *Thinking through Translation with Metaphors*. Manchester, UK & Kinderhook (NY). USA: St. Jerome Publishing.
- TORGA, M. (1999). *Diário*. 2 vols., 2.^a edição integral. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

TÍTULO: Metáforica da Tradução no Contexto Português Contemporâneo. Alguns Exemplos

RESUMO: A complexidade da tradução tem levado a que, desde a Antiguidade, seja frequente o recurso à expressão indirecta e análogica para tentar apreender o fenómeno. Em grande parte de carácter intuitivo, quase sempre plásticas e apelativas, as múltiplas metáforas aduzidas para referir a tradução são interessantes pela dimensão pedagógica que podem assumir, pelo conteúdo teórico e pragmático que denunciam e ainda pelo valor heurístico que lhes assiste na construção de modelos conceptuais. No presente estudo enunciam-se testemunhos colhidos em cinco autores portugueses contemporâneos – Paulo Quintela, Miguel Torga, Natércia Freire, José Bento, Vasco Graça Moura –, comentando-se as posições teóricas implícitas nas metáforas com que se acercam do fenómeno tradutivo. À excepção de Torga, familiarizado com a tradução pelo contacto com Quintela e enquanto escritor largamente traduzido, os autores estudados são tradutores e/ou tradutores-poetas com larga experiência no campo. Nos depoimentos analisados, que podem assumir a forma de poemas, somos confrontados com o modo como se posicionam perante a tradução, como avaliam o trabalho próprio ou o de outros, e com o estatuto e a função que atribuem ao texto traduzido.

TITLE: Metaphorics of Translation in Five Contemporary Portuguese Authors

ABSTRACT: Due to its complex nature, the phenomenon of translation has, since ancient times, often been indirectly expressed by means of analogy. Mostly intuitive, almost always plastic and appealing, the multiple metaphors used to signify translation are interesting for their potential pedagogical dimension, for the theoretical and pragmatic content that they convey, and for their heuristic value in the construction of conceptual models.

This study provides examples from five contemporary Portuguese authors - Paulo Quintela, Miguel Torga, Natércia Freire, José Bento, Vasco Graça Moura -, and comments on the theoretical positions that are implicit in the metaphors used in their approach to the translation phenomenon. With the exception of Miguel Torga, who is familiar with translation by virtue of being a widely translated author and also due to his contact with Quintela, all the other authors are experienced translators and/or poet-translators. In the testimonials of all five authors, which include two poems, we are confronted with their own positioning in regard to translation, with how they evaluate their own work or the work of others, and with their views on the status and function of the translated text.